



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

EDUARDO VICENTE RODRIGUES DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES NA OBRA *A BOLSA AMARELA*, DE
LYGIA BOJUNGA.**

**CAMPINA GRANDE
2021**

EDUARDO VICENTE RODRIGUES DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES NA OBRA *A BOLSA AMARELA*, DE
LYGIA BOJUNGA.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação de Letras-Português, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Letras-Português.

Área de concentração: Estudos socioculturais pela literatura

Orientadora: Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães.

**CAMPINA GRANDE
2021**

S586r Silva, Eduardo Vicente Rodrigues da.
Representações de masculinidades na obra A bolsa amarela, de Lygia Bojunga [manuscrito] / Eduardo Vicente Rodrigues da Silva. - 2021.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães ,
Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."

1. Literatura infantil. 2. Gênero. 3. Masculinidade. I. Título

21. ed. CDD 808.068

EDUARDO VICENTE RODRIGUES DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES NA OBRA *A BOLSA AMARELA*, DE
LYGIA BOJUNGA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação de Letras-Português, da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduado em Licenciatura em Letras-
Português.

Área de concentração: Estudos socioculturais
pela Literatura.

Aprovado em: 28/05/2021.

BANCA EXAMINADORA

Kalina Naro Guimarães

Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Micaela Sá da Silveira

Prof. Dra. Micaela Sá da Silveira

Ao meu pai, pela dedicação, companheirismo
e amizade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	LITERATURA INFANTIL	7
3	LIGYA BOJUNGA NUNES: VIDA E OBRA	9
4	DEFINIÇÕES DE GÊNERO	11
4.1	A construção das masculinidades nas obras de Ligya Bojunga	13
5	A BOLSA AMARELA: PENSANDO AS MASCULINIDADES	15
5.1	A masculinidade do galo Afonso	17
5.2	A masculinidade vivida pelo galo Terrível	19
5.3	Uma nova maneira de pensar masculinidade	20
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	23

REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES NA OBRA *A BOLSA AMARELA*, DE LYGIA BOJUNGA

Eduardo Vicente Rodrigues da Silva¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a construção das masculinidades na obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga (1980), através da análise dos personagens Afonso e Terrível. Para isso, contextualizamos a história da literatura infantil no Brasil, situando a obra em estudo; discutimos as questões de gênero, sobretudo as masculinidades, no contexto sociocultural; pontuamos características importantes da obra da autora, principalmente como se deu o processo de construção de sua escrita, que problematiza constantemente conflitos a respeito da construção da identidade de suas personagens, tal como se dá na obra analisada. Como aporte teórico, destacamos Cademartori (1987), Coelho (2000), Nolasco (1997), Connel (2016), Sandroni (2011), entre outros autores que nos ajudaram a conduzir nossa pesquisa. Nessa investigação, discutimos como se dá a construção da masculinidade e como a sociedade contribui para essa construção, resultando em relações desiguais de gênero. Por fim, a partir da obra em tela, demonstramos que boa parte das figuras masculinas rejeitam as imposições sociais de gênero, evidenciando a contribuição do movimento feminista no processo de construção de uma sociedade mais igualitária.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Gênero. Masculinidades.

ABSTRACT

This work aims to analyze the construction of masculinity in the work *A Bolsa Amarelo*, by Lygia Bojunga (1980). For this, we contextualize the history of children's literature in Brazil, placing the work under study; we discuss gender issues, especially masculinities, in the sociocultural context; we pointed out important characteristics of the author's work, mainly how the process of construction of her writing took place, which constantly problematizes conflicts regarding the construction of the identity of her characters, as it happens in the analyzed work. As a theoretical contribution, we highlight Cademartori (1987), Coelho (2000), Nolasco (1997), Connel (2016), Sandroni (2011), among other authors who helped us to conduct our research. In this investigation, we discuss how the construction of masculinity takes place and how society contributes to this construction, resulting in unequal gender relations. Finally, from the investigated work, we deal with the breaking of patterns, they are male figures who reject social impositions, showing the contribution of the feminist movement in this process of developing new identities, projecting a more egalitarian society.

Keywords: Children's Literature. Gender. Masculinities.

1. INTRODUÇÃO

A literatura infantil no Brasil chegou tardiamente entre o final do século XIX e início do século XX. Essa literatura trouxe em sua gênese o caráter didático, pelo qual as histórias

¹ Graduando em Licenciatura em Letras-Português, pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: eduvicente07@gmail.com.

tenham como objetivos ensinar e educar os que conduziriam a sociedade no futuro, ou seja, eram destinadas às crianças, pois traziam direcionamentos sobre comportamentos e valores. Após a chegada da literatura infantil no Brasil, na metade do séc. XX, começam a surgir novas tendências e contextos, com isso, passamos a conceber uma literatura para crianças que questiona padrões, critica o sistema cultural dominante, idealiza novos comportamentos e que tenta problematizar e deslocar espaços de poder que continuam desiguais, mas que, atualmente, não são normalizados sem críticas e resistências.

Um desses espaços diz respeito ao modo como a sociedade reparte as posições de mando e o poder simbólico, do ponto de vista do gênero. É sabido que mesmo com as conquistas do movimento feminista, sobretudo a partir da década de 70, a mulher não compartilha das mesmas oportunidades de vivência e valorização profissional oferecidas ao homem. Estima-se que uma mulher, ocupando a mesma função, ganhe em torno de 40% menos que um homem, conforme apresenta Piscitelli (2009), em seu trabalho intitulado: “Gênero: a história de um conceito”. No plano pessoal, são muitas as mulheres com jornada dupla, porque não têm companheiros que dividam com ela o trabalho doméstico e o trato com as crianças. Além do mais, os diversos casos de estupro e de feminicídio² é uma incômoda realidade em nosso país, que revela o quanto ainda vivemos numa cultura que normaliza a violência material, simbólica e física contra as mulheres.

Diante disso, a questão de gênero torna-se fundamental para compreendermos nossas desigualdades sociais, tendo em vista que a hierarquia entre homens e mulheres, com franco privilégio do primeiro, aprofunda as injustiças no Brasil. Por gênero, conforme Piscitelli (2009, p. 119), entendemos o “caráter cultural das distinções entre homens e mulheres”. Nessa perspectiva, a masculinidade, assim como a feminilidade, também são construções socioculturais, cujas representações são diversas, embora sobressaiam-se no meio social formas mais hegemônicas de se constituir homem.

Nesse contexto, os espaços sociais devem não só estimular o debate, mas promover meios para que a discussão seja cada vez mais qualificada, no sentido de proporcionar uma sociedade plural, democrática e de respeito aos direitos humanos. Com isso, temos a escola com grandes condições de contribuir com esta tarefa, a partir de diversos textos e produtos culturais, entre eles, a literatura infantil.

Dessa maneira, o texto literário pode ser apreciado como objeto estético, que proporciona aos alunos o contato com linguagens singulares, mas também enquanto representação crítica de mundo. A literatura infantil, nessa ótica, pode abordar temas considerados problemáticos, como, por exemplo, as masculinidades. Assim, este trabalho se justifica pela necessidade de se discutir questões de gênero desde a infância, promovendo a liberdade do pensamento e a crítica social, com fins à formação da cidadania e do sujeito humanizado.

Com base nisso, o objetivo principal deste trabalho é discutir aspectos que envolvam a construção das masculinidades dos personagens Afonso e Terrível na obra “A Bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga (1980). Além disso, observamos como a sociedade contribui para a manutenção dessas masculinidades, evidenciando como isso influencia na construção da identidade dos galos em análise. Em síntese, a obra narra a história de Raquel, uma menina que possui três vontades (de crescer, de ter nascido menino e de escrever), mas que precisa escondê-las para que os adultos a deixem em paz. Após ganhar de Tia Brunilda uma bolsa amarela grande e cheia de bolsos, a garota esconde todos os seus desejos, até que alguns personagens, como os galos Afonso e Terrível por exemplo, surgem da fantástica bolsa. Com eles, Raquel

² Segundo a lei 13.104/15, promulgada em 2015, feminicídio é o assassinato de mulheres por serem mulheres. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/643729-lei-do-femicidio-faz-cinco-anos/#:~:text=H%C3%A1%20cinco%20anos%2C%20no%20dia,condi%C3%A7%C3%A3o%20de%20mulher%20da%20v%C3%ADtima.%20Acesso%20em:%2016%20abr.%202021>.

começa a criar novas histórias para tentar ajudá-los em seus conflitos, metendo-se nas mais surpreendentes aventuras.

Quanto ao percurso metodológico, nosso estudo partirá da análise dos modos como os personagens se relacionam entre si, e quais valores e representações estão na base dessa interação, revelando, nesse processo, movimentos de adequação, problematização e reformulação quanto à masculinidade considerada hegemônica. Para tanto, a pesquisa é baseada em teóricos como Sócrates Nolasco (1993), Gregorin Filho (2009), Ligia Cademartori (1987), Nelly Novaes Coelho (2000), entre outros.

Por meio de pesquisas bibliográficas, iniciamos o trabalho com uma breve discussão sobre a história da literatura infantil, seu surgimento na Europa e no Brasil e seus principais autores. Em seguida, tratamos aspectos relevantes sobre a autora Lygia Bojunga, suas principais obras e trajetórias. Em sequência, apresentamos algumas definições de gênero e discutimos a construção das masculinidades na obra “A bolsa amarela”.

2. LITERATURA INFANTIL

Quando se estuda a história, o desenvolvimento das culturas e o modo como foram passados de geração em geração, vemos que a literatura foi o principal veículo de transmissão (COELHO, 2000) pois o homem compreende o espaço, as coisas ao seu redor e os seres, muitas vezes, através da leitura. Desde o seu surgimento, a literatura estava ligada ao caráter moralizante, o qual buscava conduzir os homens em suas ações e vontades, de acordo com a cultura de cada povo. O mesmo ocorreu com a literatura infantil, a diferença está na natureza de seu principal receptor, ou seja, a criança.

A literatura infantil surgiu na Europa, durante o séc. XVII, período do classicismo Francês, no entanto, recebeu maior visibilidade no início do século seguinte. O marco desta literatura partiu de uma situação inusitada, quando Charles Perrault membro da Academia Francesa, atribuiu a autoria do seu livro, *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, hoje conhecido como *Contos da mamãe gansa* (1697), a seu filho mais novo Pierre Darmancourt. Sua atitude foi fruto da insegurança de expor seu influente nome, dentro da literatura francesa, pois, sendo um gênero novo, a literatura infantil tinha sua legitimação incerta. Porém, mesmo passando por várias fases de contestações, ganhou espaço e se consolidou.

Os primeiros textos infantis surgiram de adaptações de textos para adultos, pois a criança dessa época era considerada um adulto em miniatura em que a etapa da infância passaria rapidamente. Os textos traziam uma linguagem purificada e fácil de ser entendida, por isso, muitas vezes, essas obras eram minimizadas e tratadas como um gênero menor. (COELHO, 2000): A expressão “Literatura Infantil” conectava-se a ideia de livros de colorir, destinados à diversão, prazer e aprendizagem das crianças, carregados de algum sentido moral, político e religioso. Com caráter persuasivo e tom moralizador, os textos possuíam linguagem simples e sem brechas para perguntas e inquietações. É o que atesta Cademartori (1987, p. 24):

Tradicionalmente, a literatura infantil apresentou, por determinação pedagógica um discurso monológico que, pelo caráter persuasivo, não abria brechas para interrogações, para o choque de verdades, para o desafio da diversidade, tudo se homogeneizando numa só voz, no caso, a do narrador. (CADEMARTORI, 1987, p. 24)

Dessa maneira, a literatura infantil articulava-se à ideia vigente sobre educação que consistia em transmitir às crianças os ensinamentos que deveriam conhecer e praticar em sociedade, para a permanência de sua estrutura e do bom andamento da comunidade. Assim, tornou-se evidente a necessidade de algum instrumento social que pudesse auxiliar na formação

daquele público e, com isso, o livro tornou-se o meio mais adequado na época. Diante do cenário econômico e da real necessidade de educar os filhos, o mercado editorial conseguiu se instalar e aos poucos se firmar. Como trata Lajolo e Zilberman (1991):

Além de o modelo econômico deste Brasil republicano favorecer o aparecimento de um contingente urbano virtualmente consumidor de bens culturais, é preciso não esquecer a grande importância – para a literatura infantil – que o saber passa a deter no novo modelo social que começa a se impor. Assim, também as campanhas pela instrução, pela alfabetização e pela escola davam retaguarda e prestígio aos esforços de dotar o Brasil de uma literatura infantil nacional. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1991, p. 28).

Tais livros, do gênero infantil, tratavam de temáticas consideradas propensas ao pensamento pedagógico daquele período. Ou seja, eram necessárias obras que, ao serem lidas, passassem para seus leitores modelos comportamentais, além de valores éticos e morais vigentes naquela sociedade.

Diante de um cenário de país republicano, as obras discorriam sobre aspectos considerados fundamentais para a continuidade daquela sociedade, como por exemplo, a exaltação da terra e o amor à pátria. Um dos nomes mais presentes nesse processo de literatura pedagógica no Brasil foi Olavo Bilac, que dividindo autoria com Coelho Neto (1904), publicam a obra *Contos Pátrios*, da qual o conto *O Recruta* nos mostra características do modelo educacional da época. O texto narra a história de um rapaz que se converte a sua pátria, após grande conflito de guerra. Essas temáticas, muito comum em outros países, marcaram a literatura brasileira, constituindo-se, assim, um símbolo da nacionalidade. Dessa maneira,

[...], a produção e circulação no Brasil desta literatura infantil patriótica e ufanista se inspira em obras similares europeias. Vale a pena observar, por outro lado, que o programa nacional de uma literatura infantil a serviço de um determinado fim ideológico é bastante marcado por um dos traços mais constantes da literatura brasileira não-infantil: a presença e exaltação da natureza e da paisagem que, desde o romantismo (ou, retroagindo, desde o período colonial), permanece como um dos símbolos mais difundidos da nacionalidade. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1991, p.39)

Mesmo trazendo influências de fora, os autores brasileiros buscavam exaltar os valores do próprio território, inserido ao padrão ideológico social que devia representar cada obra. Encontramos como marca brasileira, dentro de muitas temáticas abordadas em obras de literatura infantil, a presença do campo, das cores da bandeira e de todas as belezas naturais que o país dispõe. O percurso acerca das temáticas abordadas nas obras possui uma dinâmica plural, quanto às restrições e objetivos traçados inicialmente, quando fora adotada. A literatura foi se moldando, de acordo com as necessidades e contextos de cada época.

Como vimos, literatura infantil surgiu com o objetivo de educar e esse direcionamento pedagógico foi hegemônico durante muito tempo no Brasil. É considerável o vínculo entre a educação daquela época e a literatura. Pois, existindo várias sociedades, existem variadas maneiras de se interpretar o meio em que vivem, estabelecendo, assim, sua visão a respeito de cada preceito que foram a eles oferecidos. Desse modo,

A oferta de padrões de interpretação para a construção do mundo do homem, em sentido lato, é o que se chama de educação: a apreensão de padrões que modificam o comportamento. O homem constrói seu meio ambiente à medida dos padrões de interpretação que lhe forem oferecidos. Portanto, o processo de constituição depende de sua formação conceitual e essa, por sua vez, depende dos padrões de interpretação a ele oferecidos. As diferentes manifestações culturais constituem-se em padrões de interpretação. Entre elas, destaca-se, seja pela alta elaboração própria do código

verbal, seja pelo envolvimento emocional e estético que propicia, a literatura. (CADEMARTORI, 1987, p. 22)

Tendo em vista a eficiência da literatura para os fins a ela impostos, cada sociedade acaba tendo suas obras adaptadas para refletir sua própria representação. Com isso, o livro que era produzido para um povo, nem sempre era bem recebido em outros lugares, pois as obras carregavam universos e culturas distintas. Dessa maneira, destacamos a figura de Monteiro Lobato como autor preocupado em constituir uma literatura infantil própria, que dialogasse mais diretamente com as crianças brasileiras, embora o escritor também tenha adaptado alguns clássicos da literatura ocidental e histórias da mitologia grega.

Com a chegada da produção de Monteiro Lobato, foi escrito um retrato diferente do Brasil. Em uma de suas obras mais conhecidas, “O sítio do pica pau amarelo”, o autor explorou o folclore brasileiro e deu vida a personagens de perfis e naturezas distintas que se uniam e dialogavam em meio a vários conflitos. Além do cenário rural, a obra traz seres místicos e lugares fantásticos, dando visibilidade constante às riquezas do Brasil.

Além disso, Monteiro Lobato escreveu algumas obras que dialogavam com as crianças, porque tanto o universo do sítio era um espaço mágico e cheio de possibilidades. À assimetria entre o mundo dos adultos e da infância foi relativamente equilibrada, fazendo com que personagens crianças tivessem o poder do questionamento e expressão livre de pensamentos.

Assim, no Brasil, a literatura para criança consolida-se tardiamente, sobretudo após a metade do séc. XX, quando a sociedade passava por grandes mudanças, tais como a urbanização, que foi acarretada pela industrialização, após a segunda guerra mundial. Nos anos 60 e 70, essa produção se torna mais frequente e variada, oferecendo em seu cardápio textos que tentavam promover um diálogo com as crianças, ao mesmo tempo em que não se furtavam de também pautar alguns problemas e conflitos humanos.

Hoje, a literatura infantil cultiva textos nos quais não apenas a linguagem explorada seja considerada esteticamente válida, como também explorem temas relevantes para a formação de leitores e para a promoção da cidadania. Junto com este objetivo, as temáticas abordadas nas obras literárias sofrem muitas mudanças: essa literatura se inova diante das diversas demandas culturais, chegando a tratar de questões antes consideradas impróprias para essa categoria. Destarte, contemplamos vários objetivos e definições para essa literatura que, sobretudo, deixou de ser considerada produto direcionado apenas às crianças.

Atualmente, as possibilidades de temáticas da literatura infantil foram ampliadas. Temas como morte, por exemplo, que eram evitados em obras infantis, assim como a sexualidade e outros aspectos da cultura, são abordados frequentemente em obras que tratam dessas questões sem falseamento ou simplificações. Isso posto, a tradição de ensinar numa perspectiva moralizante, hoje, é considerada fator que depõe contra esse gênero literário, e não mais traço a ser celebrado socialmente, como o era antes.

A literatura infantil além de seu caráter pedagógico que consiste em trazer um ensinamento a quem lê a história, agregou novas e variadas funções aos textos. Hoje em dia, o livro oferece a liberdade de refletir a respeito da realidade social, deixando espaço para que o leitor possa interferir na leitura, com suas experiências e questionamentos. Segundo Gregorin Filho (2009), a literatura infantil contemporânea guarda características da arte como um todo, pois tem um olhar para a sociedade, desenvolvendo uma matéria passível de discussão e mudança.

3. LYGIA BOJUNGA NUNES: VIDA E OBRA

Lygia Bojunga Nunes é uma escritora brasileira de literatura infanto-juvenil, nascida em Pelotas, no Rio Grande do Sul, no dia 26 de agosto de 1932. Viveu por alguns anos em uma fazenda, mas aos oito anos de idade, muda-se para o Rio de Janeiro com sua família. Em 1951,

torna-se atriz de uma companhia de teatro e passa a viajar pelo interior do Brasil. No mesmo período, passou a atuar na rádio e a participar de programas de televisão.

Em 1972, a autora faz sua primeira estreia literária com o livro *Os Colegas* e, por meio dele, recebe o prêmio do Concurso de Literatura Infantil do Instituto Nacional do Livro. Ganhadora de muitos prêmios expressivos da literatura, Lygia Bojunga faz de sua literatura uma forma de expressar, criticar e representar o sistema social, no qual estamos inseridos. Após sua primeira publicação, a autora continuou sua escrita com obras como: “Angélica” (1975), “A bolsa amarela” (1976), “A Casa da Madrinha” (1978), “Corda Bamba” (1979), “o Sofá Estampado” (1980), entre outras. Suas obras renderam muitos prêmios no eixo infante-juvenil, chegando a conquistar o considerado Nobel da literatura infantil, o prêmio Hans Christian Andersen. Lygia foi a primeira mulher a receber essa premiação fora do eixo Estados Unidos-Europa.

Em 1996, publica o livro intitulado “Feito à Mão”. Como o próprio nome sugere, a obra é composta manualmente com papel reciclável e fotocopiado, uma alternativa às produções industriais de grandes editoras. Após fundar sua própria editora, Casa Lygia Bojunga, publica novo livro “Retratos de Carolina” e ganha em 2004 o prêmio Astrid Lindgren Memorial Award, criado pelo governo da Suécia. Com todos os incentivos que a autora recebeu, cria uma fundação, com o intuito de promover ações que aproximem o livro de todo povo brasileiro.

Seu sucesso é fruto de sua visão e comprometimento com a sociedade, além do talento estético demonstrado pela linguagem literária que compõe suas obras, que tratam de questões sociais contemporâneas, através de uma narrativa que rompe os limites entre a fantasia e a realidade. A autora conta histórias cujo protagonismo é da personagem criança. Além disso, suas narrativas consideram o momento atual quando mostram, dentro de seus próprios textos, maneiras de solucionar certos impasses sociais, como o conceito tradicional de família. Sua escrita nos leva a entender que não podemos nos prender a um único modelo familiar e evidencia que é possível viver de modo diferente do estabelecido. Sendo assim, suas obras têm poder catártico, pois ela cria mundos em que os personagens vivem suas próprias escolhas, e (re)descobrem a si mesmos.

Por meio das suas narrativas recheadas de fantasias, Lygia discute diversos problemas sociais entre os quais: a ditadura militar, que tem como fundamento elementos tomados do real (CRISTÓFANO, 2011). Outra preocupação da autora é a busca pela identidade, como já foi apresentado anteriormente. Seus personagens, crianças protagonistas, geralmente precisam fugir de suas realidades pré-estabelecidas e, para se conhecerem, precisam se afastar daquilo que as oprimem, para se constituir como indivíduos. Desse modo,

Suas personagens, ao romperem os limites impostos pela sociedade repressora, propiciam o despertar do leitor, fazendo com que a criança colabore no desempenho do papel transformador da sociedade de que faz parte, seja ela a família, a escola ou a sociedade como um todo. (SILVA, 2000, p. 13)

Na obra de Bojunga, a criança é apresentada como um elemento transformador e questionador das relações humanas estabelecidas, quebrando, assim, o estigma da exclusão dos pequenos que, por conta de uma sociedade opressora, não conseguem ser ouvidos e nem compreendidos. Nessa perspectiva, os textos da autora alcançam o público menos favorecido, suscitando a importância do autoconhecimento e a necessidade da luta pela autoafirmação individual, partindo de críticas sociais. Como trata Cristófono,

A finalidade de Lygia Bojunga discutir em suas narrativas tais comportamentos sociais é a de proporcionar ao leitor “o conhecimento do mundo” e também o “conhecimento do seu próprio ser”. Podemos dizer que em sua narrativa encontramos a função humanizadora, a qual permite representar, cognitiva ou sugestivamente, a realidade social e também a fantasia. (CRISTÓFANO, 2011, p. 4)

Como o objetivo dos personagens é de se descobrirem como pessoas, desvelando um mundo novo, eles, ainda que provisoriamente, deixam para trás suas famílias, em busca de um sonho ou para fugirem de uma realidade opressora. Nesse contexto, observamos o trabalho de Lygia Bojunga com a temática social, confrontando os papéis sociais e culturais não só da criança, mas também do adulto. No universo de Lygia, os pequenos são o elemento essencial para a transformação da sociedade, problematizando as tradições.

Outra questão pertinente em tantas outras obras de Lygia diz respeito a tabus sobre o gênero. Estes se constituem em relações sociais que se pretendem fixas e que desejam normatizar as coisas e os modos de ser menino e de ser menina. A autora busca abordar tais conflitos, bem como construir um espaço onde suas personagens entrem em conflito, questionando ideias pré-concebidas e condutas padronizadas quanto ao gênero.

Lygia Bojunga trata essas questões de modo a desnaturalizar comportamentos humanos e formas de perceber e se relacionar com o outro. Ela produziu uma literatura infantil e juvenil comprometida com a justiça e igualdade social e de gênero, sem, de maneira alguma, se descuidar da linguagem com a qual erigia esses novos mundos. São frequentes a antropomorfização de animais e objetos, capítulos curtos sem seguir uma ordem linear dos eventos narrados, linguagem coloquial e, por vezes, bastante metafórica, mistura de gêneros literários, presença de narrativas encaixadas, entre outros aspectos (SANDRONI, 2011).

Adiante, apresentamos, de modo mais verticalizado, a questão que serve de tema sob o qual nossa análise toma a obra “A bolsa amarela”: a construção da masculinidade. Antes de situá-la, contudo, é necessário discutirmos o gênero, no próximo tópico.

4. DEFINIÇÕES DE GÊNERO

Às questões de gênero chegaram até nós através de pesquisas norte-americanas sobre as origens sociais das identidades de homens e mulheres. O termo gênero reflete o modo como diferentes povos, em diversos períodos históricos, classificou as atividades de trabalho, os atributos pessoais e os encargos destinados a homens e a mulheres no campo da religião, da política, lazer, educação, cuidados com saúde, sexualidade, etc. Segundo alguns especialistas, gênero vem determinar aquilo que culturalmente seria características masculinas e femininas, como as formas de se vestir, comportamentos, crenças e valores. É possível perceber que a origem social das identidades se dá de forma subjetiva, pois não existe uma determinação natural dos comportamentos entre homens e mulheres, regras impostas pela sociedade. Essas formulações, de caráter ideológico, servem para justificar comportamentos sociais em determinada sociedade.

A sociedade é demarcada por vários parâmetros que servem para identificar os espaços e destinos designados a cada indivíduo, de acordo com seu sexo. Historicamente, os homens, pela interpretação cultural de seus atributos biológicos, que os associam à força, potência, coragem, racionalidade, etc., dominam nas relações sociais e familiares, enquanto as mulheres, cujas características físicas, são tidas como fragilidade, eram direcionadas a viver subalternas aos desejos dos homens. A submissão do feminino, assim como a celebração da violência e da força como comportamento masculino valorizado eram requisitos na confirmação da identidade desses homens, por muito tempo inflexíveis e inacessíveis.

Numa visão essencialista, as diferenças de gênero são interpretadas como se fossem naturais e determinadas pelos corpos. Aqui, o comportamento, os desejos, o pensamento, seriam a manifestação de dados biológicos, afastando, o máximo possível, o masculino do feminino. Ao contrário dessa visão, as ciências sociais mostram que essas diferenças são socialmente construídas pelo ser humano. Isto significa que não há um padrão universal para comportamentos sexuais ou de gênero que seja considerado normal, certo ou superior. Somos

homens e mulheres, pertencentes a sociedades distintas, de tempos históricos diferentes e de contextos culturais que estabelecem modos específicos de classificação e de convivência social. Dessa forma, o conceito de gênero pode nos ajudar a ter um olhar mais atento para determinados processos que consolidam diferenças de valor entre o masculino e o feminino, gerando desigualdades. Pensemos no relato que Chimamanda apresenta em sua obra, “Sejamos todos feministas”:

Quando eu estava no primário, em Nsukka, uma cidade universitária no sudeste da Nigéria, no começo do ano letivo a professora anunciou que iria dar uma prova e quem tirasse a nota mais alta seria o monitor da classe. Ser monitor era muito importante. [...]. Eu queria muito ser a monitora da minha classe. E tirei a nota mais alta. Mas, para minha surpresa, a professora disse que o monitor seria um menino. Ela havia esquecido de esclarecer esse ponto, achou que fosse óbvio. Um garoto tirou a segunda nota mais alta. Ele seria o monitor. O mais interessante era que o menino era uma alma bondosa e doce, que não tinha o menor interesse em vigiar a classe com uma vara. Que era exatamente o que eu almejava. Mas eu era menina e ele, menino, e ele foi escolhido. (ADICHIE, 2015, p. 15-16)

Assim como vivenciou a autora, o papel de cada indivíduo é pré-determinado pela sociedade. Além disso, seu relato traz uma representação interessante para o auxílio do entendimento do que é gênero e de como ele se apresenta em nossa sociedade. Mesmo o garoto, que tirou a segunda nota mais alta, não querendo essa responsabilidade ele foi condicionado a aceita-la e exercer o papel que lhe foi direcionado. Enquanto a menina que lutou pela sua vontade de assumir a monitoria da sala, mesmo cumprindo os pré-requisitos até então colocados, como tirar a nota mais alta, não foi escolhida pela professora por um critério considerado óbvio: Ela não era um menino. Fazendo disso uma reflexão e aprendizado, Adichie apresenta que se há repetição desses valores e gestos, a gente acaba se acostumando com esse estado de coisas, e foi isso que aconteceu com a professora, que acreditou que todos já sabiam que essa “promoção” de ser monitor só era válida naturalmente para os meninos, os únicos capazes de ocupar a posição de poder almejada pela menina Chimamanda.

Nesse exemplo, a relação poder e masculinidade é pressuposta e reforçada pela professora, que parte da crença de que é da natureza dos homens exercerem a vigília e a até mesmo a força, se necessário. Assim, a importância de debater gênero consiste em questionar a teoria do inatismo, que coloca o homem em foco por sua anatomia. Piscitelli (2009) aborda que o termo gênero é um conceito que foi:

[...] elaborado por pensadoras feministas precisamente para desmontar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outros são percebidas como resultado dessas diferenças. (PISCITELLI, 2009, p. 119).

Segundo a autora (2009), o termo gênero foi criado porque “[...], a palavra sexo remete a essas distinções inatas, biológicas” (p. 119), sendo assim, gênero refere-se ao cultural e carrega traços de distinções entre feminilidade e masculinidade. A forma como homens e mulheres se comportam em sociedade corresponde a um aprendizado sociocultural que vem nos ensinando, a cada dia, a ser e agir, conforme as prescrições de cada gênero. Existe uma grande expectativa social em relação à maneira como homens e mulheres devem andar, se vestir, falar, sentar, se cuidar, mostrar seu corpo, brincar, dançar, namorar, cuidar do outro, amar etc. De acordo com cada gênero, também há modos específicos de trabalhar, gerenciar empresas, ensinar, dirigir o carro, gastar o dinheiro, ingerir bebidas, tarefas domésticas, cuidar dos filhos, dentre outras atividades. Além disso, ainda existe desigualdade dentro da própria categoria, de homem para homem e de mulher para mulher, devido à diversidade cultural que

desencadeou e desencadeia movimentos de liberdade de expressão e de pensamento, os quais tem por finalidade abrir debates sobre os modelos que parte da sociedade ainda luta para conservar.

A perspectiva feminista se torna um dos elementos fundamentais para o desencadeamento dos debates sobre o gênero. Em seu livro “Sejamos todos feministas”, Adichie (2015, p. 16) evidencia que “se repetirmos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal”. Dessa forma, reforça-se a ideia de que a divisão de espaços e poder na sociedade, a partir do gênero, é fruto de teorias biológicas, tendo em vista que, segundo essa visão, cada homem e mulher deve aceitar seu lugar e destino social. Contudo, apesar de ainda alguns modelos de homem e de mulher serem normalizados, considerando não só a frequência com que eles ocorrem, mas as estruturas de poder que os sustentam, algumas vozes, imbuídas do feminismo, se levantam para problematizar os estereótipos de gênero – características, discursos, performances e papéis sociais que seriam considerados traços essenciais do masculino ou feminino.

Como aponta Nolasco (1993, p. 68): “[...]. Meninos e meninas crescem segregadamente e sem nenhum reforço para atitudes de respeito, intimidade e conhecimento entre ambos”, ou seja, em seu desenvolvimento, os meninos são separados e educados para se afastarem de tudo que se aproxime do feminino. Dessa maneira, certos sentimentos e expressão de emoções são desencorajados, práticas de cuidado com o outro não são cultivadas, comportamentos mais gentis e delicados não são estimulados, pois essas condutas fariam os indivíduos menos “homens”. Na verdade, a sociedade, cuja estrutura é machista, desvaloriza as mulheres, de modo que o homem que performatizar traços considerados femininos será julgado negativamente, por, segundo a perspectiva patriarcal, trair seu gênero.

Conforme dissemos nesse estudo, Lygia Bojunga traz para seu universo ficcional temas sociais e culturais de grande relevância, dentre os quais a questão do gênero. A seguir, vejamos como a autora desenvolve a construção da masculinidade em alguns dos seus trabalhos.

4.1 A construção da masculinidade nas obras de Lygia Bojunga

De acordo com o Mini Aurélio, Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2001), o termo “Masculinidade”, “Masculino” ou alguns termos relacionados a esses nomes, referem-se à qualidade de masculino, macho, másculo, virilidade, varonil, viril; relativo a, ou próprio de macho, voz masculina, enérgico, forte, coragem masculina, gênero masculino. (FERREIRA, 2001, p. 450). Percebe-se que as definições de masculinidade e seus sinônimos apresentadas nos dicionários estão sempre relacionadas à virilidade, ao ser forte, ao controle e dominação masculina, resultando unicamente, ao que parece, de seus aspectos biológicos.

Calcada na desigualdade de gênero, nossa sociedade reúne resquícios de uma cultura colonial, que coloca o homem em evidência e o protege segundo a sua própria anatomia e conceitos religiosos. Com isso, desde cedo, o menino já nasce coberto por um senso de superioridade e motivado a superar toda e qualquer dificuldade. Desde a infância, o menino precisa se adaptar a exigências “comuns” de comportamento, o que fica evidente no período de criação em que os pais depositam todas as expectativas no desenvolvimento exitoso de seu filho. O menino, então, é direcionado a práticas como brincadeiras com carrinhos, bolas, bonecos que geralmente possuem figura de corpo de guerrilheiro, armas, entre outros objetos que simbolicamente já indiciam uma demarcação de espaço. Ou seja, o menino, ligado ao esporte, precisará desenvolver a competitividade, a não aceitação da derrota e a projeção de ter uma vida vitoriosa. Precisarão buscar um corpo perfeito, másculo e desenvolver a virilidade; cultivará um tom de imposição e agressividade, sobretudo na constituição familiar, considerando-se “o chefe” da casa. Para os homens, o sexo heterossexual é superestimado e seu

órgão genital, signo de poder; enquanto que, para as mulheres, a relação sexual não só é desencorajada, como também seu órgão genital é demonizado, recebendo apelidos e características negativas.

Todavia, apesar de o homem gozar de certo poder se comparado, em tese, às mulheres, essa distinção só é exercida se ele atualizar o modelo hegemônico de masculinidade. Portanto, também os homens sofrem cobranças da sociedade e são direcionados, por toda a vida, a exercerem determinadas funções, sem poder, muitas vezes, escolher de fato o que se quer fazer ou ser. Um homem que não se relaciona com muitas mulheres; que não tenha iniciado sua vida sexual desde a adolescência; que não ponha sua realização profissional acima das relações pessoais e familiares, que não cultue um comportamento mais competitivo; que não valorize a força e a violência como elementos solucionadores de conflito, etc, é considerado um homem desviante pelo discurso machista. Então, assim como ocorre com as mulheres, há também uma cobrança social que enquadra o homem a certas exigências e normas socioculturais que, em dado tempo e espaço histórico, definem a masculinidade, cuja performance torna-se compulsória: Um homem não escolhe o que ele quer ser, isto já foi feito socialmente, e a ele resta senão conformar-se e endossar, quase sob forma de uma crença, o que compreende pelo significado de ser homem. (NOLASCO, 1993, p. 104). Conforme o trecho citado, o homem é culturalmente construído, a partir do significado valorizado e compartilhado socialmente sobre o que é ser homem. Dessa maneira, os são direcionados a reproduzirem práticas que ressaltam a competitividade, a virilidade, a violência e a falta de importância do sentimento.

Atualmente, observamos uma rachadura nesses papéis direcionados aos homens, com a chegada do intitulado novo homem³, esse que busca repensar e transformar seu próprio caminho, promovendo a instauração de uma nova cultura baseada na igualdade entre os gêneros. Nesse contexto, não haveria coisas consideradas exclusivamente de mulher ou de homem, pois ambos poderiam construir suas identidades sem demarcar dicotomicamente o gênero, construindo-se nas relações com outros de maneira mais livre, sem a preocupação de seguir os estereótipos de gênero.

É importante pontuar que a construção da masculinidade e da feminilidade é mantida pela sociedade, ou seja, homens e mulheres contribuem para essa permanência e propagação. Da mesma forma, se essas identidades podem ser construídas e mantidas socialmente, é também nas relações sociais que elas podem ser problematizadas, reformuladas e transformadas.

A expectativa por esse novo homem também está presente na literatura infantil, sobretudo nas obras de Lygia Bojunga, que posta uma escrita revolucionária de gênero. Em suas obras, a autora traz uma espécie de “guia social divergente”, pois ela segue um padrão textual que põe em questão o estado atual da sociedade e, por fim, aponta soluções. Outra inquietação da escritora é a necessidade de buscar a identidade de suas personagens e os desafios que essa busca oferta.

Em seu livro *Angélica* (1975), nós contemplamos a vida de animais que refletem e problematizam estereótipos sociais em relação à posição de homens e mulheres. Porto, um porquinho que se disfarça para não ser reconhecido como tal, apaixona-se por Angélica, uma simpática cegonha, e a convida para jantar. Na hora de pagar a conta, sem ter dinheiro para isso, a sua acompanhante oferece-se, então, para quitar a dívida. Contudo, o personagem reage como se tivesse sido ferido no seu orgulho de macho, pois se sente diminuído, diante do poder econômico demonstrado pelo feminino. Nessa cena, percebemos claramente como Porto julga os papéis adequados para homens e mulheres: os primeiros devem ser sempre os provedores, do contrário perdem seu prestígio e poder. Já em *A bolsa amarela* (1976), também temos questões relacionadas à masculinidade, seja pelo galo Rei que não quer tomar conta das galinhas (assim, abre mão de sua “autoridade de macho” conferida socialmente), seja pelo galo Terrível,

³ Segundo Nolasco (1993), esse novo homem se refere a todo indivíduo masculino que se afasta de toda cultura a ele atribuída e passa a refletir sobre a igualdade, sobretudo em relação aos espaços e práticas sociais.

que, ao ter sua mente costurada, pensa somente em brigar e vencer, castrando o seu lado sentimental. A trajetória de Raquel, personagem principal dessa narrativa, também é marcada pela inquietação do sistema de gênero que a oprime. Com a ajuda de seus amigos, frutos de sua própria escrita e fantasia, ela vai construir sua identidade problematizando as expectativas dadas ao feminino pela sociedade.

A escrita de Bojunga, que põe os comportamentos masculinos em evidência, traz o viés do pensamento de Connel (2016), que acredita que os homens possuem ferramentas necessárias para a sustentação da igualdade de gênero, exceto pela influência que recebem dos ambientes em que vivem. O poderio masculino ainda possui grande força e consegue manter ativas práticas das masculinidades hegemônicas. Porém, não podemos deixar de considerar que alguns homens já formulam boa reflexão, enxergam as desigualdades e desenvolvem posturas que buscam reformular e revitalizar as práticas sociais. Contudo, mesmo que estes homens sejam engajados, de certo modo, na perspectiva feminista, algumas mulheres ainda acreditam nas masculinidades hegemônicas e acabam por reproduzir e cobrar dos homens essas posturas de virilidade, demonstrando que a educação que receberam, bem como o contexto onde se inserem, reforçam essas posições.

Essa e outras dinâmicas em torno do gênero, especialmente a construção da masculinidade, podem ser observadas, como já dissermos, na obra *A bolsa amarela* (1976), de Lygia Bojunga. No próximo tópico, analisamos mais detidamente as personagens que buscam construir identidades nas quais se sintam confortáveis, problematizando, nessa trajetória, os estereótipos de gênero.

5. A BOLSA AMARELA: PENSANDO AS MASCULINIDADES

O livro *A bolsa amarela* teve sua primeira publicação no ano de 1976. A obra trata várias questões pertinentes como: a ditadura militar, a estrutura familiar tradicional, a construção da masculinidade e a questão de gênero. A construção da identidade de suas personagens em meio a uma sociedade demarcada por uma cultura dominante que impõe costumes e comportamentos para homens e mulheres é também um tema bastante frequente na ficção de Bojunga. Esta possui um grande arsenal de acontecimentos que serve de metáfora para representar o cotidiano e debater estereótipos de gênero.

Em síntese, *A bolsa amarela* narra a história de Raquel, uma menina inconformada por não poder realizar ações consideradas de menino. Ela possui uma relação conturbada com a sua família, que se ordena de maneira tradicional e não a trata como voz que merece ser ouvida e respeitada. Ao ganhar uma bolsa grande e amarela, Raquel passa a esconder seus três maiores desejos (ser adulta, ser menino e escritora), embarcando, em seguida, num percurso fantástico a partir do qual conhece novos amigos: Afonso, Terrível, o alfinete de fralda e o guarda-chuva. Cada um desses personagens possuem uma história que problematiza, de modo geral, o gênero ou a assimetria estabelecida entre o adulto e a criança. Destarte, ao lado da história de Raquel, outras narrativas são encaixadas de modo a dialogar, de alguma maneira, com o conflito vivido por Raquel, caracterizado pelo fato de ela ser criança e mulher.

Nos deparamos, também, com eventos que colocam em questão os comportamentos das personagens de acordo com estigmas sociais presentes em um universo que oprime, promove, cobra e impõe aos indivíduos determinadas atitudes. A delimitação de espaços e seus direcionamentos também é pauta da autora, que promove a liberdade imaginária de sua personagem como forma de descoberta de sua personalidade e de expressão de seus pensamentos, liberdade essa que não possuía em meio ao convívio com sua família. Essas questões podem ser índice de diálogo com o período em que a obra foi escrita, a saber o contexto da ditadura militar, no qual era comum a censura da reflexão social e da crítica do sistema patriarcal. Dessa maneira, a obra *A bolsa amarela* põe em pauta o discurso sobre a liberdade de

ser e de pensamento, a partir da história de Raquel e seus amigos. Entre eles, destacamos os galos Afonso e Terrível, por meios dos quais as reflexões sobre o caráter social e cultural da masculinidade são tecidas:

[...]. A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular (VILARINHO, 2013, p. 250).

Podemos afirmar que o pensamento do autor coincide com o de Lygia Bojunga, pois o autor acredita que os conceitos de gênero podem passar por processos de mudança, enquanto que Bojunga, em boa parte de suas obras, apresenta esse processo de maturação de suas personagens que validam suas identidades fugindo das práticas pré-estabelecidas pela sociedade. Ou seja, cria novas relações e formas de ser pela negação ou deslocamento do que é socialmente imposto.

No início do primeiro capítulo de *A bolsa amarela*, encontramos a reflexão sobre nossa posição e a liberdade em relação aos desígnios e práticas sociais direcionadas a cada sexo. A protagonista da obra, uma menina muito criativa e cheia de vontades, faz indagações sobre algumas normas da sociedade. No mesmo capítulo, Raquel revela que possui três grandes vontades: a vontade de ser adulta; a de ser menino; e a de ser escritora. Essas vontades estão associadas ao relacionamento que ela mantém consigo mesma e com a sua família, exemplo de lar tradicional que segue à risca à normatividade social hegemônica na década de 1970.

Com medo de sofrer ainda mais pressão de sua família, a menina opta por ocultar as suas vontades, pois, assim, acreditava despistar os olhares dos adultos que a cercavam. Isolada da família que não a compreende, Raquel busca atenção e começa a construir amizades com seres inventados por ela. Ao ser surpreendida pelo seu irmão no momento em que lia uma correspondência de André, seu amigo inventado, Raquel é questionada sobre quem é André e o porquê de ela ter imaginado um “amigo” em vez de uma “amiga”. A garota, então, conversa com o irmão e afirma que ser homem é muito melhor, pois:

- [...]. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo de jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear que fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que – puxa vida! – vocês é que vão ter tudo. Até pra resolver casamento – então eu não vejo? – a gente fica esperando vocês decidirem. A gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina. (BOJUNGA, 1976, p. 16 e 17)

Nessa fala, a personagem central da obra deixa claro sua indignação e seus motivos ao desejar ser homem. Aqui se torna evidente que desde criança os lugares sociais já estão marcados segundo o gênero, incluindo o jeito de agir, de falar e até as brincadeiras. Raquel, mesmo sendo uma personagem criança, apresenta um discurso de muita reflexão que desvela as injustiças de gênero: o fato de você ser menina representa uma diminuição das possibilidades de ser e de exercer poder na sociedade. Por isso, a personagem quer ser homem, pois é seduzida pelos papéis sociais definidos como “de homem”, pela liberdade que os garotos têm. Assim, ao construir uma personagem criança que problematiza o mundo social enquanto os adultos o normalizam, a autora aposta na criticidade dos infantes, recusando a infância como lugar marcado exclusivamente pela ingenuidade e divertimento.

Quando a personagem usa expressões como “É só a gente bobear que fica burra”, a autora enaltece o poder reflexivo de sua personagem, característica vista socialmente como pouco comum à criança. Outras falas como: “puxa vida!” e “Então eu não vejo”, são colocadas como um tipo de reflexão que indica também seu estado emocional (decepção e indignação) no momento em que fala. Por conseguinte, Raquel constitui um contraponto à sociedade que considera que alguém devesse ser incapaz de opinar, ou não tivesse esse direito, seja por ser menina ou por ser criança. Sendo assim, ao apresentar situações como essas, a narrativa deixa claro a desigualdade de gênero e opressão dentro da sociedade sendo iniciada desde a infância.

No segundo capítulo, para amenizar suas três vontades, Raquel passa a guardar todas elas em uma bolsa amarela, que recebera a partir de roupas e objetos doados por sua tia Brunilda. A bolsa torna-se o “esconderijo de suas vontades”, o espaço em que faz o exercício de sua imaginação, onde guarda os nomes que coleciona, um alfinete de fralda enferrujado, fotografias, desenhos, pensamentos.

Ao contemplar o tamanho da bolsa que para ela, era maior que o “normal”, vemos um momento de reflexão de Raquel: “[...]. Mas não era um amarelo sempre igual: às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei se porque ele já tinha desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato.” (p. 27). Assim, é possível evidenciar como a mente da protagonista estava projetada a uma atmosfera de mudança, seja pelo poder de conseguir formular uma “teoria” ao analisar a bolsa, considerando que a continuidade é chata, ou pela sensibilidade de ver o que seria normal ou desviante, a partir do tamanho desse objeto, esse que provocou um sentimento catártico na menina. Além da sensibilidade e criticidade depositada em sua personagem, a autora trata do poder de transformação a partir de objetos, por meio do olhar de sua protagonista. Daí nasce o espaço de transformação e de busca pela identidade de Raquel e de seus amigos que ganharão vida ao decorrer da história.

Em recorte, apresentamos duas personagens que possuem grande influência dentro da história, sobretudo pelas masculinidades vividas por eles. Trata-se de dois galos, um chamado Rei/Afonso e outro denominado Terrível, que trazem para a trama duas perspectivas de masculinidades, a partir de suas vivências, reflexões e diálogos, que atualizam as trajetórias de construção de suas identidades, bem como discursos e práticas sociais pré-fixados.

5.1 A masculinidade do Galo Rei (Afonso)

Um dos pontos do texto que possui grande relevância para o desencadear da história surge com o personagem Rei (que, posteriormente, passa ser chamado de Afonso), pois sua trajetória é marcada pela adesão e ruptura da imposição social de gênero. O galo que tinha a obrigação de mandar em todo o galinheiro rejeita essa posição social, abrindo espaço para o questionamento da masculinidade hegemônica e a construção do novo homem. A história do galo Rei narra suas dificuldades em exercer o papel determinado pelos seus donos, pois ele, desde cedo, tinha sido criado para tomar conta de galinha. O animal explica a Raquel que foram as próprias galinhas que o denunciaram para os donos do galinheiro, com o fim de manter o status definido para ele naquele lugar: exercer autoridade sobre as galinhas, definindo o que elas devem fazer.

Todavia, outro era o desejo do Galo Rei: ele queria dar liberdade para elas e, conseqüentemente, para ele. As galinhas livres para organizarem sua vida como desejassem seriam a carta de alforria do próprio galo, que agora não teria que mandar em ninguém, só na própria vida. Nesse episódio, podemos fazer certa alusão ao regime militar vivido na época, em que havia pessoas que denunciavam aqueles com ideais diferentes da norma social vigente e imposta.

Esse personagem também é um retrato muito representativo no que tange à construção da identidade masculina em nossa sociedade. Ao rejeitar o seu desígnio, ele passa a ser considerado desviante de seu gênero, da classe do homem que oprime, que é superior, que tem a sua disposição mulheres submissas que pedem permissão para cada ato que executarão. No entanto, ao abrir mão desse posto, o galo passa a ser perseguido, pois foge do papel destinado para ele. Então, Rei decide que lutará pela ideia de igualdade, demarcando a sua função dentro da história. Ou seja, o galo, com a ajuda de Raquel, conseguirá resolver seu conflito, evidenciando, de certo modo, a contribuição do movimento feminista para o surgimento de homens reflexivos, que lutam para se libertar da prisão que é a masculinidade hegemônica.

Outro ponto importante desse galo, o Rei, é que ele não se sente confortável em ser chamado assim. Se aprofundarmos mais um pouco, notamos que o nome Rei remete a poder, a domínio. Com isso, o galo opta por ser chamado de Afonso, fugindo da ideia de nobreza. Sendo assim, o choque de nomes já marca a personalidade da personagem e seu processo de transição e de formação de identidade. Além da troca de nome, o galo queria a liberdade e a leveza de não ter que dirigir a vida de tantas galinhas e, por isso, obteve consequências:

- [...], foi só eu resolver lutar que eles me levaram de volta pro galinheiro. Então eu chamei as minhas quinze galinhas e pedi, por favor, pra elas me ajudarem. Expliquei que vivia muito cansado de ter que mandar e desmandar nelas todas noite e dia. Mas elas falaram: ‘Você é o nosso dono. Você é que resolve tudo pra gente.’ Sabe, Raquel, elas não botavam um ovo, não davam uma ciscadinha, não faziam coisa nenhuma, sem vir me perguntar: ‘Eu posso? Você deixa?’ e se eu respondia: ‘Ora, minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve como você achar melhor’, elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! faz aquilo! bota um ovo! pega uma minhoca! do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho. (BOJUNGA, 1976, p. 35)

Outro ponto a acrescentar sobre o galo Afonso é que a sua trajetória se configurou como crescente e não instantânea. Consequente, temos a postura do galo (homem) que se mostra cansado diante de sua rotina autoritária e, por isso, deseja dar a liberdade às galinhas (mulheres). O modo como funciona o galinheiro aproxima-se da estrutura social tradicional: coloca-se a mulher em posição passiva e submissa, completamente dependente da voz masculina. A diferença (e ironia) é que no quadro narrativo criado por Bojunga, ao invés de se rebelarem contra a dominação masculina, as galinhas desejam ser coordenadas por ela, não conseguindo existir sem os mandos do galo. Afonso aponta que as próprias Galinhas (mulheres) se colocavam como inferiores, pois acreditavam que pensar dava trabalho, transferindo para ele a responsabilidade sobre as próprias vidas.

Assim, por expor sua vontade de igualdade e seu desinteresse em cuidar das galinhas, Afonso sofre represália de seus donos e das próprias galinhas e, mais uma vez, a obra sugere a opressão social. Ele é preso após ser denunciado pelas galinhas e passa por uma espécie de tortura, pois seus donos queriam que ele entendesse que precisava ser como seu pai, seu avô e seu bisavô foram. O galo, confrontando este ponto de vista, rebate dizendo que não é igual aos seus antecessores, rompendo, portanto, com a organização de gênero e a representação de masculinidade que até então reinavam no galinheiro.

É importante observarmos os modelos de masculinidade disponíveis para Afonso. Em comum, todos convergem para o exercício do poder sobre o outro, especialmente o feminino. Conforme apresenta Nolasco (1993, p. 40), a masculinidade prestigiada é aquela que faz “[...] crer ao indivíduo que um homem se faz sob sucessivos absolutos: nunca chora; têm tem que ser o melhor. Competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar. [...]”. Quanto mais o indivíduo se desviar das normas estabelecidas, mais estará sujeito a ser julgado e sofrer injunções sociais. É o que acontece com Afonso, no episódio já relatado.

No contexto do galinheiro onde se encontrava o antigo galo Rei, notamos direcionamentos sociais rígidos que predeterminam as atividades que compete a cada indivíduo, segundo o sexo biológico que qualifica os sujeitos como feminino ou masculino. É contra essa divisão essencialista e rígida que se rebela Afonso, deixando para trás sua autoridade como rei, para constituir uma masculinidade fora dos padrões seguidos até então. Todavia, nem todos os sujeitos compreendem a prisão que é a masculinidade hegemônica. Diferente de Afonso, o galo Terrível traz uma conduta de vida aderente aos traços masculinos padronizados, como veremos a seguir.

5.2 A masculinidade vivenciada pelo galo Terrível

Diferente da masculinidade atualizada por Afonso, eis que surge outro personagem masculino, cujos gestos e traços de personalidade performatizam a masculinidade considerada padrão. Trata-se de Terrível, galo de briga que é primo de Afonso, e que, por não ganhar mais lutas, estaria destinado a um fim trágico:

- [...]. Desde pequenininho que resolveram que ele ia ser galo de briga, sabe? do mesmo jeito que resolveram que eu ia ser galo-tomador-de-conta-de-galinha. Você sabe como é esse pessoal, querem resolver tudo pra gente. E ai começaram a treinar o terrível. Botaram na cabeça dele que ele tinha que ganhar de todo mundo. Sempre. Disseram até, não sei se é verdade, é capaz de ser invenção, que costuraram o resto do pensamento dele com uma linha bem forte. Pra não rebentar. É pra ele só pensar: ‘Eu tenho que ganhar de todo mundo’, e mais nada. (BOJUNGA, 1976, p. 55 e 56)

Como já foi dito neste trabalho, uma marca da cultura masculina é o direcionamento esportivo como forma de confirmar e de mostrar a força e a competitividade do homem em nossa sociedade. Nesse contexto, o galo Terrível possui dois aspectos predominantes, que representam a hegemonia masculina, são eles: a busca incessante por vitórias, por meio das brigas, e a exclusão de sentimentos. Tendo sua mente costurada, ele não consegue ser mais nada além de um produto do meio em que vive, não questionando seu lugar social.

Após sofrer três derrotas consecutivas para um galo mais novo e mais forte, Terrível começa a sofrer, pois, como ele adere à conduta social valorizada em sua comunidade, nada é mais frustrante que a derrota. Com isso, Afonso e Raquel ajudam Terrível, quando percebem que ele sentiu medo ao ver seu oponente, escondendo-se inconscientemente atrás do outro galo. Nesse momento, contemplamos a decadência social do pobre galo, pois, agora, ele não estar conseguindo atualizar o modelo de homem que, obrigatoriamente, deve ser inabalável diante de um confronto, sobretudo pelas consequências que podem sofrer, ao se desviarem desse posto.

Como aponta Caldas (1997, p. 21): “[...]. Um menino aprende, em seu processo de socialização, que deve silenciar seus sentimentos e frustrações, bem como evitar situações de vergonha e medo”. É dessa maneira que, com o pensamento costurado, Terrível reluta a não aceitar a ajuda de Afonso e Raquel, pois ele acredita que como homem não pode fugir ao que lhe é imposto. Em um diálogo com seu primo Afonso, ao ser questionado sobre quando iria lutar outra vez, o galo responde:

- Sábado. E eu não posso perder, viu? Meus donos falaram que se eu brigo mal dessa vez ninguém mais aposta em mim; então eles não vão mais me defender; vão deixar o outro galo acabar comigo e pronto. Eu não posso perder essa briga de jeito nenhum! De jeito nenhum! de-de-de... – E a cabeça dele sacudia tanto que ele não podia mais falar. (BOJUNGA, 1976, p. 55)

Nesse diálogo, percebemos a aflição e o medo de Terrível, pois perder uma luta novamente poderia resultar ou em sua morte ou na rejeição dos seus donos, cuja relação era baseada apenas no interesse financeiro. Ao repetir que não pode perder “de jeito nenhum”,

comunicando-se de maneira gradativa até a expressão se resumir à repetição do “de-de-de...”, o galo evidencia uma falta de controle vocal que deixa transparecer o seu sentimento interno de desespero.

Outro momento em que Terrível demonstra temor é quando se depara com o seu adversário na praia:

[...]. Quando o Terrível viu o tal galo, se encolheu apavorado:

- É o Crista de Ferro. E o homem é dono dele.

O dono ia feliz que só vendo. Rindo. Papeando com todo o mundo. Segurando firme a perna do Crista de Ferro pra ele não desequilibrar com tudo quanto é festa que faziam nele. E o pessoal em volta não parava de bater palma e gritar: campeão! (BOJUNGA, 1976, p. 56).

Nesse fragmento, observamos uma conduta reproduzida na sociedade: a aclamação pública do homem que carrega vitórias. Este tende a receber assédio e a aprovação de todos. No caso de Terrível, enquanto está com o pensamento costurado, ele busca reconquistar o lugar perdido, isto é, deseja ser ovacionado como campeão, voltando a sua posição de origem, central e dominadora.

5.3 Uma nova maneira de pensar a masculinidade

Como apresenta Nolasco (1993, p.21), “[...]. Os homens abrem mão de da própria liberdade quando negam seus limites, história de vida, desejos e sonhos para tentar reproduzir o padrão de comportamento definido a priori para eles.”. Na história, os dois personagens galos nascem com uma função definida pela estrutura social, sem direito à escolha. Aqueles que não obedeciam às regras do sistema acabavam castigados: Rei é preso e torturado, enquanto que Terrível sofre lavagem cerebral, sendo descartado quando já não servia mais ao sistema. Essas situações demonstradas no livro mostram que viver em uma sociedade machista e preconceituosa torna-se cada vez mais difícil, pois a tendência é tornar natural o discurso opressor de masculinidade, sem nem o perceber. Quanto às vozes insurgentes que abalam as bases que estruturam a masculinidade hegemônica, estas lutam por se fazerem ouvir, apesar de haver toda uma estrutura e máquina em curso para silenciá-las.

É importante observar que a trajetória das três personagens discutida até o momento contribui bastante para a reflexão sobre a construção de identidade dos indivíduos a partir das demandas e exigências sociais. Por outro lado, ela também possibilita às personagens a problematização de suas vivências e dos valores sociais vigentes. Um desses momentos significativos se refere ao episódio d’*A casa dos concertos*, lugar de grande representatividade para a mudança de comportamento e pensamento de Raquel.

A casa dos concertos é um espaço onde tudo pode ser resolvido, seja um vaso quebrado, um relógio e até um cão. Nesta casa, mora uma família de quatro pessoas, sendo um casal, um idoso e uma criança, menina. A conduta de vida deles rejeita qualquer determinação social, colocando todos aptos a exercerem qualquer função dentro de casa. Essa organização familiar acabou confundindo a protagonista, que logo questionou:

- Quem é que resolve as coisas? Quem é o chefe?

- Chefe?

- É, o chefe da casa. Quem é? Teu pai ou teu avô?

(BOJUNGA, 1976, p. 99 e 100)

Mesmo possuindo um potencial problematizador e subversivo, a protagonista expõe certa carga de influência que recebe da sociedade, à medida que questiona quem era que comandava aquela família, direcionando o campo de escolhas possíveis apenas ao pai e avô da

garota, duas figuras masculinas. Assim, Caldas, (1997, p. 20), conclui: “Tanto o menino quanto a menina crescem acreditando que mulher e homem são o que são por natureza”. Dentro do contexto de experiências de Raquel, por conviver com a realidade da sua família, na qual seu pai controla as ações familiares, ela acaba reproduzindo essa realidade. Vejamos o próximo trecho:

- Não tem sempre uma porção de coisas pra resolver? Quem é que resolve?
 - Nós quatro. Pra isso todo dia tem hora de resolver coisa. [...]. A gente senta aí na mesa e resolve tudo que precisa. [...]. Cada um dá uma ideia. E fica resolvido o que a maioria acha melhor. (BOJUNGA, 1976, p. 100).

Assim, a casa dos consertos passa a ter grande relevância na vida de Raquel, pois a partir desse novo modelo de família, cuja organização rompe com o patriarcado, enquanto sistema organizado para o domínio masculino e a submissão feminina, a protagonista reflete sobre sua própria família e os papéis que cada um ocupa nessa organização.

Voltando a falar sobre o galo Afonso, o personagem achou uma ideia sobre o que fazer da própria vida, a partir da história que Raquel criou para Terrível. Então, ele a proclama: “Vou sair pelo mundo lutando para não deixarem costurar o pensamento de ninguém. [...]”. (BOJUNGA, 1976, p. 94). Com isso, observamos que Afonso encontra o sentido da sua existência na militância, pois quer realizar no mundo ideias que beneficiem não a si mesmo, mas toda uma coletividade.

Assim, encontramos na obra de Bojunga o homem que abre mão do direcionamento imposto pela sociedade e embarca na luta pela igualdade, descobrindo essa ideia a partir de uma história escrita por uma menina, nos fazendo crer na notável contribuição do movimento feminista na construção da reflexão masculina sobre a posição que ocupa e a necessidade de mudança na sociedade.

A história criada por Raquel sobre o galo Terrível reconta e altera o final trágico que ele teve, segundo relato da guarda-chuva que o acompanhou quando ele fugiu da bolsa amarela para lutar com o Crista de Ferro, na Praia das Pedras. Raquel, ao se deparar com a descrição dos acontecimentos feita pela guarda-chuva que leva à conclusão que Terrível apanhou até à morte, não acha justo o final do galo-de-briga. Então, a menina revela:

Eu tinha dito que nunca mais na vida, até ser grande, eu escrevia outro romance. Mas aquele negócio que aconteceu com o Terrível me deixou tão – sei lá – tão diferente, que eu não parava mais de pensar nele. Quando eu vi já estava escrevendo uma história contando tudo que eu acho que aconteceu no duro. Porque eu tenho certeza que a Guarda-chuva não viu direito. [...]. (BOJUNGA, 1976, p.83)

Diante disso, à medida que se deparou com uma situação adversa a sua perspectiva e aos seus sentimentos, reacende em Raquel seu desejo e sua intuição de escritora. A protagonista toma, então, a escrita como forma de reparar a realidade do amigo, dando-lhe um outro destino e um final redentor. Ao invés da triste e solitária morte na praia, o galo, a partir da atuação da Linha Forte que descosturou os pensamentos de Terrível, consegue fugir para o mar e ser salvo por um pescador:

Ai, um dia, o barco chegou num lugar bem longe e Terrível desembarcou. Era lá que ele ia viver. Sossegado. Sem ter que ganhar de todo mundo. Lá ele ia arranjar amigo e desenhar coração. E não ia mais ter dono nenhum costurando o pensamento dele.

Quem viu na praia as duas penas que o Terrível perdeu, pensou até que ele tinha morrido. Bobagem. Ele agora tá curtindo a vida no tal lugar bem longe. [...]. (BOJUNGA, 1976, p.89)

Raquel conseguiu dá um fim digno para o galo-de-briga, colocando-o em um espaço de liberdade, valorizando tudo aquilo que ele possuía como pensamento (a doçura, a sensibilidade, o amor, a amizade), antes de ter sua mente costurada. Agora Terrível poderia até trocar de nome, como Rei, e também poderia ser quem sempre foi. Um galo cheio de paixão, que desenhava coração e se divertia fazendo amigos.

Ao aproximar o galo-de-briga da realidade que ele idealizava, a protagonista também se aproxima, pouco a pouco, da afirmação de sua identidade, pois o exercício de liberdade proporcionado pela escrita também engloba uma ação reflexiva, capaz de reparar o próprio pensamento. Com isso, Raquel se expressa em um diálogo com o Galo Afonso, da seguinte forma:

Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto. E foi aí que as minhas vontades deram pra emagrecer. Emagreceram, emagreceram, até que um dia pensei: daqui a pouco elas vão sumir. As aulas começaram de novo. Uma noite eu sonhei que estava na praia soltando pipa. Acordei e falei pro Afonso:
 - Sabe? Disseram que eu não podia soltar pipa.
 - Por que?
 - Falaram que era coisa de garoto.
 - Ué!
 - Tá vendo? Falaram que tanta coisa era só pra garoto, que acabei até pensando que o jeito era ser nascer garoto. Mas agora eu sei que o jeito é outro. [...]. (BOJUNGA, 1976, p. 109 e 110).

Esse momento atrelado a iniciativa de Raquel de soltar suas vontades de ser menino e ser grande marcam o desfecho da narradora: o jeito para que ela exercesse sua liberdade não estava condicionado à masculinidade ou a ser adulta. Ao invés de abrir mão de soltar pipa, por não ser um menino, ela agora afronta o sistema e faz prevalecer a sua vontade. Além disso, ela ganha certa maturidade adquirida nas experiências com seu imaginário, de modo a entender que o problema não está na infância ou no fato de ser menina, mas no modo como as pessoas enquadram o sujeito nas relações interpessoais mediante essas posições. Com um senso crítico mais apurado, agora Raquel tem melhores condições de se defender das opressões cotidianas e de lutar por sua liberdade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo muito contestada desde o seu surgimento, a literatura infantil vem conseguindo se firmar, pois suas obras possuem grande potencial formador, além do constante exercício de liberdade linguística e de imaginação. Através dessa literatura, a criança pode se divertir, mas também adquirir um melhor desenvolvimento emocional, cognitivo e social; pode ser levada a conhecer o mundo em que vive ou outros tempos e formas de agir; pode lidar melhor com seus sentimentos, as pessoas e as situações do seu cotidiano. Isto porque a maioria dessas histórias trabalha problemas existenciais bastante comuns na infância e na vida adulta, como medos, curiosidade, dor, perda, desejo, etc.

A leitura vem para atuar tanto no campo individual quanto no social. A criança ou o adulto é levado a refletir, questionar, imaginar e enriquecer suas vivências podendo socializar suas experiências de leituras e seus saberes. Mas para que isso aconteça, também é necessário

ler obras que despertem vontades e o desejo de falar sobre elas, obras que tocam, que comovem, que criticam, que nos coloquem para pensar e romper qualquer tipo de estereótipo.

Nesse contexto, as obras da autora Lygia Bojunga ganham destaque, pois elas discutem questões do ser humano, dialogando, assim, com qualquer público e não apenas o infantil e juvenil. A narrativa “A Bolsa Amarela”, como evidenciamos ao longo deste trabalho, gera bastante discussão, questionamentos, identificação e empatia a partir de seus personagens, ao discutir questões de gênero, masculinidade e família, assuntos importantes para a formação plural e democrática da cidadania.

Os modos da masculinidade e feminilidade são ensinados todos os dias pelas mais diferentes instâncias: a família, a escola, as mídias, as instituições religiosas, etc. Portanto, eles são socialmente construídos. Nessa perspectiva, a masculinidade hegemônica é basicamente entendida como um exercício de poder que deve ser reproduzido e mantido pelos homens a qualquer custo. O personagem Rei, em sua relação com as galinhas, retrata bem esse fator de dominação. O curioso da narrativa de Bojunga é perceber que essa questão é debatida de uma forma diferente, pois é o galo que, em crise com sua posição instituída naquela comunidade, foge do galinheiro onde deveria ser a autoridade. Dessa maneira, o galo despreza seu posto de poder, em favor de dividi-lo com as galinhas, que, todavia, se posicionam como subordinadas neste sistema e não querem sair dessa condição.

Outra masculinidade discutida na obra é a do galo Terrível. No começo de sua trajetória, o personagem pensa apenas em performatizar com sucesso o papel de macho forte e violento, ganhando todos os confrontos e brigas que aparecer. Contudo, isso se deve ao fato de sua mente está costurada, levando-nos a compreender que o gênero, enquanto dispositivo sociocultural de dominação de corpos e desejos de homens e mulheres, é metaforizado como uma linha que prende o pensamento e as possibilidades de ser livre dos indivíduos.

Por fim, Raquel, Afonso e Terrível compreendem o quanto seus caminhos podem ser diferentes, baseados em escolhas livres e no direito de viver como quiser, desde que resistam às imposições sociais que se materializam nas mais diversas situações do cotidiano. Se a masculinidade e a feminilidade são culturalmente ensinadas, não deve haver uma única forma correta de ser menino ou ser menina. Mostrar que ambos podem chorar, expressar seus sentimentos, jogar futebol, soltar pipa, é um ato político que ajuda na desconstrução dos estereótipos de gênero e na construção de novas formas de identidade. O sexo da criança não pode definir como ela deve ser; são seus gestos e gostos concretos, suas escolhas e maneiras de lidar com o corpo e com o mundo que desenham provisoriamente sua identidade. As diferenças biológicas entre homens e mulheres não podem servir de justificativa da diferença no tratamento, na divisão de poder e nos significados culturais e sociais a eles atribuídos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Ilustrações Marie Louise Nery. 35. ed. 22 reimpr. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2012.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura infantil**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CONNEL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

CRISTÓFANO, Sirlene. O discurso feminino em a bolsa amarela: a busca pela libertação da mulher. **REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, s. 2, ano 7, n. 9, p. 1-10, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/20407372-O-discurso-feminino-em-a-bolsa-amarela-a-busca-pela-libertacao-da-mulher.html>. Acesso em 20 out. 2020.

GREGORIN FILHO, J. N. Concepção de Infância e Literatura Infantil. **Linha D'Água**, [S. l.], n. 22, p. 129-135, 2009. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v0i22p129-135. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/linhadagua/article/view/37329>. Acesso em: 21 out. 2020.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOLASCO, Sócrates. Um “homem de verdade”. In: Dário Caldas (org.). **Homens** São Paulo: Editora SENAC. 1997, p. 15-29.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: **Diferenças, igualdades** / Heloisa Buarque de Almeida, José Eduardo Szwako (orgs.). São Paulo: Berlendis & Vertecchia. 2009. p. 116-149.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as renaixões renovadas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, M. M. As relações sociais da criança na obra de Lygia Bojunga Nunes. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 05, p. 9–13, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8850>. Acesso em: 17 out. 2020.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Kalina Naro Guimarães pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao meu pai Antônio Rodrigues da Silva, a minha mãe Severina Pedro Rodrigues da Silva, as minhas “velhinhas” Maria das Dores dos Santos e Maria do Rosário dos Santos, por toda criação e cuidados, desde a minha infância. À minhas avós: Maria Luiza da Silva e Marlene Bento da Silva (*in memoriam*). Aos meus primos Márcio Gabriel e Dayane Rodrigues. Ao meu irmão Antônio Rodrigues da Silva Filho e minha irmã Daniele Rodrigues da Silva. Ao meu querido Sobrinho Samuel Matias Rodrigues. A meus sogros Rosilene Barbosa e José Antônio da Silva.

Aos professores do Curso de graduação da UEPB, em especial, Anacã Agra, Jhonatan Leal, pela oportunidade de conhecer os estudos de gênero, por meio de um curso de extensão ministrado por ele, Edson Tavares, Antônio de Pádua, Ludmila Porto e José Domingos, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o meu desenvolvimento dentro do curso de graduação. Também às Doutoradas Ana Lúcia Maria de Souza Neves e Micaela Sá da Silveira, que aceitaram o convite para avaliar este trabalho e contribuir com toda bagagem que possuem para possível melhora dessa pesquisa.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio. Em especial à Ana Flávia Medeiros, Maria Josenilda Calixto, Larissa Santana, Fernanda Soares, Raquiele Trajano, Mônica Medeiros, Jadna Alana, Otaíza Silva, Railma Ferreira e Tamiris Santos. À turma do Ximbó: Ronaldo Andrade, Leivson Apollo Barbosa, Adenilson Borba, José Francisco de Lima, Ramon Oliveira, Rafael Antônio, Jhonatan Alisson, José Victor Paulino e Jamilton Ferreira. À minha grande amiga e excelente profissional da educação, Maria Leonilde da Silva, por tanta paciência e apoio. E aos demais amigos que estiveram comigo nessa trajetória de vida tão inconstante, Joseane Araújo, Emerson Andrade e Márcio Barbosa. Aos demais colegas que não consegui citar, sintam-se agraciados.

Por fim, à minha noiva Maria Maiara Barbosa da Silva, por todo apoio, em vários quesitos: estímulo, carinho e confiança, e por todo entendimento, em relação às minhas ausências. Sou muito grato por tudo!